

DESAFIOS E SONHOS PARA A AMESOL

Isabelle Hillenkamp
Beatriz Schwenck

Nossa “pesquisa-ação” junto à AMESOL desvelou como a participação das mulheres na economia solidária feminista conecta diferentes dimensões, econômica, mercantil e não mercantil, social, política, que são indissociáveis na busca por autonomia. Pudemos observar essas dimensões na experiência das mulheres da AMESOL em diferentes níveis, nas suas histórias de vida, na lógica dos empreendimentos, no engajamento político e participação em movimentos sociais, no diálogo com o poder público, na relação que elas têm com o território.

Nos espaços e momentos de construção comum da AMESOL, elas mobilizam justamente a intersecção entre estas diferentes dimensões, e essa é a forma de construir as relações retratada por elas, como a consolidação e crescimento da Associação.

Para concluir, apresentamos alguns desafios destacados por elas na construção deste coletivo, no âmbito da geração de renda, da organização da produção, da comercialização, da consolidação da AMESOL e do apoio por políticas públicas, bem como grandes sonhos que têm para o futuro da

Associação e o crescimento da economia solidária e feminista.

GERAÇÃO DE RENDA

A disparidade de rendimento que existe entre as mulheres da AMESOL constitui um primeiro desafio, tanto porque faz parte do projeto coletivo da Associação que todas as mulheres consigam alcançar a autonomia financeira a partir do seu trabalho, quanto porque esta disparidade constitui uma prova para as relações solidárias que elas pretendem construir. A autonomia financeira, para algumas, ainda não se concretizou:

“Eu ainda não consigo sobreviver com o dinheiro do empreendimento.” (Sueli M., Tendarte)

Para aumentar sua renda, muitas mulheres apostam no fortalecimento da Feira mensal de Economia Solidária e Feminista, mas também, na abertura de novos canais e espaços de comercialização. Para tanto, al-

gumas pensam na criação de uma nova Comissão que fique responsável por mapear essas possibilidades e levar para o grupo. Elas pensam em formas de organização para avançar nessa questão, mas estas precisam ser compatíveis com os tempos pessoais de cada uma, as demandas familiares e particulares, o tempo de produção e de articulação da AMESOL, e demais movimentos sociais que fazem parte.

Uma contribuição importante da AMESOL para melhorar a geração de renda dos empreendimentos foi o desenvolvimento de oficinas onde cada uma pudesse apresentar seus produtos e receber sugestões do Coletivo. Essas discussões aconteceram ao longo das reuniões da Associação em 2018 e 2019, em que as mulheres trocavam sugestões de melhoria dos produtos e processos produtivos, da embalagem, da exposição e organização das barracas. A troca possibilita que as mulheres se aproximem da realidade uma das outras. Fica claro, durante esses momentos, a necessidade de mais investimento para a melhoria dos produtos de vários grupos, seja no que diz respeito à formação continuada, seja na melhoria dos processos e locais de produção ou da logística de comercialização.

PRODUÇÃO COLETIVA E A FORMAÇÃO DE CADEIAS PRODUTIVAS

Como vimos anteriormente, a AMESOL é uma Associação de mulheres, cada uma representando seu empreendimento solidário. Alguns empreendimentos que constituem a associação tem produção coletiva,

outros não. Algumas mulheres demonstram bastante interesse para arranjos coletivos de produção, mas esbarram em condições restritivas de concretizá-los.

Para a proposta da produção coletiva entre as mulheres e seus empreendimentos se concretizar, há alguns desafios postos, sendo que o primeiro deles é a ausência de locais para produção coletiva. Especialmente com o fechamento e a descaracterização das políticas públicas municipais de economia solidária, essa questão ficou ainda mais acentuada. Há também a dificuldade de encontro, já que as mulheres residem por todos os cantos da Região Metropolitana de São Paulo, e às vezes a viagem entre o local da casa e o local da produção pode demandar uma quantidade de tempo e dinheiro insustentável. “Como São Paulo é grande, cada uma tá no seu próprio mundo.” As mulheres também esbarram no dia a dia com demandas e responsabilidades familiares, de cuidado da casa e dos filhos, que muitas vezes não permite a sobreposição com um trabalho feito fora ou longe de casa.

“Eu tentei fazer um arranjo produtivo com uma das mulheres da AMESOL, eu ia fazer um produto e ela o outro, e a gente ia comercializar juntas. O produto final ficou ótimo, o problema foi que pra chegar da minha casa até a dela eu levei 1h30, de carro. Meu pai me deu uma carona. 1h30 só a ida. O produto coletivo ficou bom, mas a parceria não tem como dar certo.”
(Vanessa, Aiyra da terra)

As mulheres da AMESOL pensam em alternativas para colocarem em prática essa dimensão coletiva da produção, a despeito das dificuldades mencionadas. Durante o ano de 2018 foi amadurecida entre elas a possibilidade de criar cadeias produtivas entre os próprios empreendimentos de forma que não implicasse, necessariamente, em um local comum de produção, mas sim, uma coordenação no desenho e na fabricação do produto, na comercialização e distribuição dos ganhos:

“No nosso empreendimento de estamparia artesanal em tecido a produção é toda coletiva, e agora a gente quer investir em formar cadeias produtivas para que o tecido possa virar outros produtos. A gente já teve parcerias mas elas se desfizeram pois não havia o entendimento dos processos da economia solidária de todas as partes. Na AMESOL a gente teria que montar um arranjo produtivo de fato, não é um grupo que contrata outro, e nem apenas comprar o tecido estampado, mas pensar junto sobre o processo produtivo e o produto. Isso demanda investimento de tempo.” (Gisela, Ybyatã)

Fortalecimento jurídico e a busca pela autonomia do coletivo

No atual contexto de escassez das políticas públicas de apoio à economia solidária, não só a dimensão econômica dos empreendimentos fica fragilizada, como também sua dimensão jurídica. Como alternativas a essa fragilidade que envolve a falta de uma legislação específica para empreendimentos

artesanais e solidários, a AMESOL aparece como uma possibilidade de auto-organização e uma figura jurídica que abarque os empreendimentos não formalizados:

“A gente podia fazer encontros para discutir esses problemas. Grupos locais, para pensar soluções para o pequeno artesão. Talvez, acho que esse seria um caminho interessante para a AMESOL. Porque é uma coisa que eu penso fazer, entendeu? Eu e algumas pessoas, a gente pensa nisso, uma associação de produtores artesanais, mas que seja artesanal mesmo, né? Que essa associação possa defender a gente.” (Cristina, Aondê)

Ao longo de 2018, o debate sobre a formalização da AMESOL aconteceu em muitos espaços. A formalização da AMESOL entra como prioridade no planejamento para o ano de 2019. As mulheres aos poucos vão se apropriando desse universo jurídico, com o objetivo de criar uma figura jurídica que ajude na captação de recursos, via inscrição em editais e convênios. Para elas, o movimento de formalizar a Associação é um movimento de “busca pela autonomia do coletivo”.

Da mesma forma como vimos com a formalização jurídica dos empreendimentos, a formalização pode se construir como um instrumento que garanta segurança do coletivo e diálogo com outras instituições, e quando encarado desta forma, perde a necessidade de retratar um reflexo fiel da Associação, que está em constante mudança.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE APOIO E FOMENTO E A REGULAMENTAÇÃO DA LEI DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NO ESTADO DE SÃO PAULO

No estado de São Paulo, a Lei nº 14.651, de 15/12/2011, cria o Programa Estadual de Fomento a Economia Popular Solidária e dá outras providências. Essa lei, apesar de ser de 2011, nunca foi posta em prática. No entanto, ela é um instrumento jurídico importante e faz parte da história de engajamento de algumas figuras presentes na AMESOL até hoje, como Vera Machado. Em junho de 2018, as mulheres da AMESOL acompanharam a Audiência Pública “Paul Singer”, que aconteceu na Assembleia Legislativa de São Paulo, ocasião na qual foi entregue uma proposta de Decreto de Regulamentação da Lei a gestores e gestoras públicas da Secretaria de Emprego e Relações de Trabalho do Estado de São Paulo.

Em discussão coletiva, as mulheres da AMESOL pensaram sobre a importância de uma legislação que abarque o trabalho por elas executado. Além do reconhecimento jurídico por parte do Estado, a regulamentação da lei significa a destinação de recursos para fortalecer os empreendimentos. Neste sentido, elas ressaltaram a necessidade de apoio público tanto no que diz respeito às possibilidades de comercialização, como também de formação:

“O que falta muito na economia solidária é o apoio financeiro, governamental para feiras. Não só feiras, quanto a parte finan-

ceira do grupo, o apoio financeiro que nós não temos. É cada um por si. Que nem o Banco do Povo, para nós, ele não funciona, por causa dos juros muito altos.” (Sandra, Maria Mariá)

“O grupo precisa de formação continuada e possibilidades de estruturação do empreendimento. Não adianta ter a parte de negócio se não tem a qualidade dos produtos.” (Gisela, Ybyatã)

“A economia solidária não está ligada a um partido, a uma religião, uma crença, senão fica uma coisa personificada. Ela tem que abraçar todas independentemente da religião. E entender que o Estado tem que ser laico. Tem que fazer política pública pra todo mundo: pra mulheres, pra negros, pra gays. Nós não somos coitadinhos. Não quero piedade de ninguém. Só quero ter um espaço pra poder trabalhar. E trabalhar essas outras questões para além do meu trabalho financeiro, essas outras questões. Questões que envolvem o lugar onde eu moro. Eu não tenho pretensão de ficar rica, até porque eu não vou ficar mesmo. A maioria da humanidade é pobre. Mas eu acredito que o trabalho pode agregar outras coisas para além do próprio preço do trabalho. Pode agregar tudo: dignidade, autonomia, autoestima. As instituições tratam o artesanato como se fosse qualquer coisa, como uma coisa pejorativa. Eu não aceito isso. Eu não quero papel de coitada, eu quero papel de protagonista. De mudar. É a maioria das mulheres que tem que sustentar sua casa com seu dinheiro, como eu. Eu não quero favor do Estado. Quero o que me é de direito.” (Dinah, Artemanhas)

FAZER A AMESOL CHEGAR NOS TERRITÓRIOS

Por conta da grande dispersão territorial na Grande São Paulo entre as mulheres que constroem a AMESOL, normalmente os encontros acontecem em áreas mais centrais da cidade de São Paulo, em um “meio do caminho” entre elas. Um dos sonhos para o futuro da Associação é que ela consiga chegar, também, nos territórios onde as mulheres moram e produzem.

“A gente podia criar a partir da AMESOL outros grupos e levar pra dentro das comunidades. Aqui a gente sai da comunidade e vem pra AMESOL. É levar a AMESOL pra dentro das comunidades. A gente se qualificar, se fortalecer, pra poder cada uma levar pra sua comunidade a AMESOL. Então o que eu espero da AMESOL é conseguir colher bastante informações, ou o grupo ir lá para o meu município, para o bairro, para a comunidade que eu vivo. Mostrar para elas esse outro lado do feminismo, do poder da mulher sem ser o radical que a televisão vende. Então, é basicamente isso, o que eu espero da AMESOL, que a AMESOL para mim é crescimento e o que eu espero é poder levar para a minha comunidade os conhecimentos, ou até o grupo da AMESOL mesmo, para elas verem como é, a gente pode ser forte juntas.” (Patrícia, patricinha artesanatos)

Fazer crescer a AMESOL, buscando sustentabilidade econômica sem perder a dimensão social e política. Outro sonho comum entre muitas mulheres da AMESOL é que a

Associação cresça cada vez mais, agregando mais mulheres, expandindo a diversidade de produtos e os espaços de comercialização.

“Eu acredito que nós temos que ser referência pro Brasil.” (Dinah, Artemanhas)

“Ter o reconhecimento geral na nação, ser conhecida pelo Brasil inteiro como fora.” (Bel Bernardes)

“Eu sonho com a AMESOL bem grande, com muitas mulheres que batalham. Só falar “a AMESOL” só pelo nome já é reconhecido, igual essas marcas grandes que você fala o nome e já sabe o que é. Eu acho que tem que crescer muito mais. Eu acho não, eu desejo.” (Maurisa, Tendarte)

Fazer crescer a AMESOL, no entanto, não é apenas uma questão de quantidade de sócias. É expandir, também, o debate político sobre a economia solidária e a economia feminista. Como vimos, a chegada de novas mulheres na Associação trazem desafios para a construção coletiva do grupo e para o amadurecimento desse debate.

“A gente tem que se instalar no espaço, e que possa ser identificadas pela população como uma alternativa. A gente vê a exploração da mão de obra das mulheres, o quanto as mulheres são exploradas no Brasil. Eu acho que a partir do momento em que a gente conseguir se instalar, criar um espaço coletivo de produção, vai ser bem interessante em termos políticos, de dar visibilidade a essa possibilidade que a

gente tem criado dentro da economia solidária." (Marta, CIM)

"Tem vários tipos de crescimento. Pode crescer em quantidade de pessoas que fazem parte, ela pode crescer territorialmente, em não estar só no município de São Paulo, mas em outros municípios organizando mulheres em outros lugares e crescer também nessa coisa da visibilidade, de cada vez mais dar visibilidade às questões da mulher e às suas particularidades, entendeu? Mas de uma forma boa, sabe?" (Vera, Línea Encadernação)

"Eu espero que ela chegue cada vez mais ao alcance de muitas mulheres que podem estar dentro de casa, mas que tem aquele dom. Toda mulher tem um dom. Mostrar pra elas que "eu posso ir pro mer-

cado de trabalho conquistar minha independência pra me manter, me sustentar". Mostrar a união, uma sempre pode contar com a outra." (Sueli M., Tendarte)

"Espero que a gente possa crescer juntas cada vez mais, que a AMESOL deslanche e cresça. Que a gente possa realizar os sonhos da AMESOL e nós crescendo junto também. O crescimento da própria mulher." (Gaby, A toca do gnomo).

Neste sentido, esperamos que as reflexões possam ser suscitadas pela publicação deste texto e contribuam, mesmo que modestamente, para o desenvolvimento da AMESOL e dos demais atores e coletivos envolvidos na construção de uma economia solidária e feminista.

ECONOMIA FEMINISTA E SOLIDÁRIA

**FORTALECENDO A AUTONOMIA
ECONÔMICA DAS MULHERES**

ECONOMIA FEMINISTA E SOLIDÁRIA:

FORTALECENDO A AUTONOMIA ECONÔMICA DAS MULHERES

Publicação da Universidade Federal de São Carlos - Termo de Execução Descentralizada 006/2016, firmado com a Secretária Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego..

ENTIDADES PARCEIRAS

FAI-UFSCar (Fundação de Apoio Institucional da UFSCar)

SOF (Sempre viva organização feminista)

AMESOL (Associação das mulheres da economia solidária)

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Fábio José Bechara Sanchez

EQUIPE DO PROJETO

Beatriz Schwenck

Fernanda Cristina Mello

Gláucia Marques

Helena Zelic

Isabelle Hillenkamp

Joana Barros

Lohayne Oliveira

Maria Fernanda Marcelino

Milena Lima e Silva

Miriam Nobre

Nalu Faria

Natália Lobo

Renata Baboni

Sheyla Saori

Simone Braghin

Sônia Coelho

Tica Moreno

Vera Lucia Ubaldino Machado

Edição de texto Beatriz Schwenck e Simone Braghin

Produção gráfica editorial Diagrama Editorial

Foto da capa Elaine Campos

Ilustrações Helena Zelic, Biba Rigo, Camila Afonso Zuca e Leila Monségur.

Fotos Equipe do projeto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

E19

Economia feminista e solidária: fortalecendo a autonomia econômica das mulheres / coordenado por Fábio José Bechara Sanchez. - São Carlos : Diagrama Acadêmico, 2021.

153 p. ; PDF ; 5,3 MB.

ISBN: 978-65-995167-1-9 (Ebook)

1. Economia. 2. Feminismo. 3. Economia Solidária.
I. Sanchez, Fábio José Bechara. II. Título.

2021-2049

CDD 330

CDU 33

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Economia 330

2. Economia 33